

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
1 e 4 de Abril de 2023
A CINEMATECA COM A FESTA DO CINEMA ITALIANO
- A CRÍTICA POLÍTICA SEGUNDO ELIO PETRI

NASCE UN CAMPIONE / 1954

Argumento: Tonino Guerra, Elio Petri / *Diretor de fotografia (35 mm, cor, formato 1x37):* Angelo Balstrocchi / *Música:* Carlo Innocenzi / *Montagem:* Alberto Carusostti / *Som:* não identificado / *Narração:* Corrado Mantini / *Produção:* Soudit / *Cópia:* 35 mm, versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 11 minutos / *Estreia mundial:* Outubro de 1953 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

I SETE CONTADINI / 1957

“Os Sete Camponeses”

Argumento: Cesare Zavattini, Luigi Chiarini / *Comentário:* Renato Nicolai / *Diretor de fotografia (35 mm, cor):* Roberto Girardi / *Música:* Claudia Nizza / *Montagem:* Gabriele Varziale / *Som:* não identificado / *Com a presença de:* Alcide Cervi; *narração de Renato Consinetti* / *Produção:* A. B. Cinematografica / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 11 minutos / *Estreia mundial:* Agosto de 1958 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

L'ASSASSINO / 1961

O Assassino

Argumento: Tonino Guerra, Elio Petri e Pasquale Festa Campanile / *Diretor de fotografia (35 mm, preto & branco, formato 1x85):* Carlo di Palma / *Cenários:* Giovanni Checchi, Lorenzo Vespignani / *Figurinos:* Graziella Urbinati / *Música:* Piero Piccioni / *Montagem:* Ruggero Mastroianni / *Som (mono):* Giovanni Rossi / *Interpretação:* Marcello Mastroianni (*Alfredo Mantelli*), Micheline Presle (*Adalgisa de Matteis*), Salvo Randone (*o Comissário Palumbo*), Cristina Gajone (*Nicoletta Nogaro*), Andrea Checchi (*Morelo*), Marco Mariani (*o Comissário Margotta*) e outros. / *Produção:* Franco Cristaldi, para Titanus, Vides Cinematografica e Société Générale de Cin matographie / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas eletr nicas em portug es / *Dura o:* 98 minutos / *Estreia mundial:* 1 de Abril de 1961 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Avis), 22 de Fevereiro de 1962 / *Primeira apresenta o na Cinemateca.*
Dura o total da sessão: 120 minutos

Filmes de Elio Petri

Esta sessão reúne os três primeiros filmes assinados por Elio Petri a sete anos de intervalo, depois de um longo período preparatório, marcado pelo trabalho de crítico, animador de cineclube, co-argumentista, assistente de realiza o e realizador das duas curtas-metragens que abrem este sessão. Petri realiza a sua primeira longa-metragem num momento de importantes mudanças no cinema italiano, com o atestado de óbito oficial do neo-realismo, o prestígio excepcional de mestres como Visconti, Fellini e Antonioni e um cinema popular composto sobretudo por comédias e, em grau menor, filmes de aventuras antigas. Mas ainda havia espaço em Itália para outro tipo de cinema *de autor* e em 1961 e 1962 surgiram muitos novos nomes no cinema italiano, a maioria dos quais hoje esquecidos (alguns são ressuscitados de vez em quando), outros perenemente consagrados, como Pasolini e Bertolucci, outros ainda, como Petri, que não foram esquecidos mas nunca receberam uma plena consagra o. No caso de Petri, este reconhecimento não pleno talvez venha da própria natureza do seu cinema, das suas contradi es, que surgem com clareza cristalina nesta sua longa de estreia, **L'Assassino**. Fiel militante do Partido Comunista, mas sem os rasgos de imagina o de um Pasolini, que via os subprolet rios como indivíduos, não como “casos” ou “exemplos”, Petri sempre deu uma veia algo pedagógica ao seu cinema, querendo mostrar os bastidores das coisas e das pessoas. Mais do que uma fotografia das coisas ele busca uma radiografia, quer demonstrar ao mostrar, o que faz a especificidade do seu cinema.

L'Assassino   como o embrião de **Inquérito Sobre um Cidadão Acima de Qualquer Suspeita**: no filme de 1961 o assassino  , de facto, um *falso culpado*   maneira de um personagem de Hitchcock, no de 1971   um verdadeiro culpado que inclusive espalhou indícios da sua culpabilidade, mas a sua

posição profissional protege-o. O protagonista de **L'Assassino** é formalmente inocente mas sente-se moralmente responsável pela morte da amante, o que faz do filme uma lição de moral, um sermão laico. Num gesto arriscadamente contraditório, Petri escolheu para o seu filme de estreia um género – o filme criminal, *giallo* na terminologia italiana – que tem efeito seguro sobre o espectador e permite a um realizador mostrar as suas qualidades profissionais, mas na verdade fez questão de realizar um anti-*giallo*, de descartar todos os elementos típicos do género (tensão narrativa, papel da indução na busca dos motivos, sedução visual da fotografia em claro-escuro) e, por conseguinte, as suas benéficas consequências. Ao desmontar o mecanismo do filme criminal para não dar ao espectador o prazer que buscava e espicaçar a sua consciência, Petri afrouxou as possibilidades narrativas do filme, cuja trama não avança, gira sobre si mesma, pois como observou Lino Miccichè no seu *Il Cinema Italiano degli Anni 60*, “o *pendor analítico do filme faz com que o seu motivo narrativo surja como um simples pretexto, o que o transforma num corpo estranho no interior da obra e esta estranheza, que se estende por todo o filme, é uma contradição maior e, no limite, fundamental*”. O uso de flashbacks vem reforçar a construção demonstrativa da trama, as etapas da *culpabilidade* do protagonista, que não são previstas nem punidas pela lei, mas ilustram aquilo que o filme quer incutir no espectador. O anticlímax, quando a inocência do homem é anunciada, tem precisamente um efeito anticlimático, ponto final da tese que o filme desenvolve desde o seu início: somos todos culpados de egoísmo e arrivismo. No epílogo/desenlace a moral da história é exposta com todos os *ff* e *rr* (não falta sequer a mentira ao marido e/ou ao amante), clara e previsível. Tudo vai ficar como era. Do ponto de vista da *mise en scène* Petri dá provas de um domínio formal impecável nas sequências de abertura (o uso do jazz e de cenários das ruas de Roma, o longo lapso de tempo que o protagonista leva para perceber que aqueles homens que entraram na sua casa são da polícia), que serve de introdução. Também tem destreza em contrastar as sequências passadas na polícia e as dos flashbacks, sendo as primeiras de um despojamento quase abstrato e as segundas muito mais meticulosamente descritivas.

As duas curtas-metragens que abrem a sessão têm bastantes semelhanças formais, apesar de diferenças narrativas, pois **Nasce un Campione** fala do presente e de um eventual futuro, ao passo que **I Sette Contadini** evoca um acontecimento passado. O que os filmes têm em comum é o enfoque algo pedagógico (o que é quase inevitável num documentário) e o *parti pris* de começar por mostrar o contexto antes de se aproximar do objeto do filme propriamente dito. Petri aproveita este enfoque em **Nasce un Campione** para sublinhar que não há milagre, pois na Romagna a bicicleta é um meio de transporte universal e, matematicamente, daquela massa que pedala algum campeão haverá de emergir: “o seu trabalho é o seu treino” para ser campeão, diz o locutor a dada altura, a propósito de um ciclista. Depois da vitória do “protagonista” numa corrida regional, eventual passaporte para a Volta de Itália, o locutor observa que aquele foi apenas um pequeno passo e que o destino do vencedor poderá ser o de um campeão de ciclismo ou o de um simples carregador. Apesar da presença no genérico do nome de Cesare Zavattini (argumentista que foi um dos pais do neo-realismo e o emblema do que este pode ter de demasiado conciliatório) **I Sette Contadini** nada tem de uma ficção nem de uma reconstituição de factos passados (à exceção de alguns planos, como o do trator e o da prateleira). O filme é, de facto, um *documentário*, como indica o genérico e um documentário inteligente e comovente. Petri não se limita a homenagear os sete irmãos que foram executados ao mesmo tempo por militantes fascistas em 1943. Começa por mostrar o contexto em que viveram aqueles homens e que basicamente é o mesmo em 1957: há um magnífico plano de um baile na aldeia, com a sua coreografia espontânea e alguns planos de camponeses a trabalhar que prendem de imediato o espectador. O tom da narração em *off* é didático, mas sem nada ter de pomposo. Com grande habilidade, Petri faz o filme deslizar do contexto daquela região específica para o tema central do filme, aqueles sete irmãos. Há o testemunho do pai deles, totalmente desprovido de sentimentalismo, que narra os factos terríveis e há a voz do locutor que dá certas precisões a esta narrativa, antes do filme evocar poderosamente a materialidade de um fuzilamento, daquele fuzilamento. Diante de **Nasce un Campione** e **I Sette Contadini** pode-se lamentar que Petri tenha considerado o documentário apenas como um ponto de partida para a sua carreira e não se tenha estendido neste domínio, alternando documentários e obras de ficção ao longo dos anos, como conseguiu fazer o seu contemporâneo Louis Malle.

Antonio Rodrigues